Do "telégrafo falante" ao iPhone

Você sabe qual a principal semelhança entre Alexander Graham Bell e Steve Jobs, criador da Apple? Ambos têm um traço em comum em suas trajetórias profissionais, pois tanto um quanto o outro alcançaram o "óbvio". Apesar de mais de um século entre estas duas figuras e do fato delas viverem em épocas com dinâmicas bem diferentes, fazendo o "óbvio" eles inauguraram uma nova fase no desenvolvimento das tecnologias de informação e comunicação, cada qual no seu tempo.

Não me entendam mal por usar o termo "óbvio". Mesmo porque, o óbvio é simples. E, em termos de novas idéias, a simplicidade é o patamar mais difícil de alcançar.

Graham Bell, por exemplo, estava profundamente envolvido com uma tecnologia que chacoalhou o mundo no século XIX: o telégrafo. Mais ou menos como aconteceu com a internet, o telégrafo uniu o mundo em torno de uma só rede e determinou uma nova dinâmica nos negócios, na imprensa e na comunicação pessoal. Com o telégrafo, a "aldeia global" começava a tomar contornos mais evidentes.

Pouco tempo depois do advento do telégrafo, outros "telégrafos" começaram a ser desenvolvidos. Um deles, o "telégrafo sem fio", desafiava as barreiras físicas e abolia os cabos de transmissões de impulsos elétricos - inaugurando mais tarde um meio de comunicação conhecido como "rádio".

Outro telégrafo, o "falante", também era buscado por pesquisadores da época. O desafio consistia em transformar a voz em impulsos elétricos que, ao final da linha, seriam novamente convertidos em voz. Na época, o conceito já era "óbvio" e difundido entre os engenheiros e Alexander Graham Bell não estava só na busca por esta inovação. Tanto é que inventores como Antonio Meucci e Elisha Gray corriam atrás do mesmo objetivo: um dispositivo que mais tarde foi batizado como "telefone".

Bom, apesar de brigas jurídicas e indefinições sobre o inventor oficial do telefone (recentemente Antonio Meucci foi reconhecido como tal), Graham Bell foi quem difundiu esta inovação no mercado da época e consolidou a nova interface de "voz" para o telégrafo. Seja por ter recursos econômicos ou visão de negócio, Bell, não obstante as guerras de patentes, conseguiu tornar o telefone um paradigma por conquistar, em pouco mais de 30 anos, 10 milhões de usuários.Corte seco para o século XXI. Assim como o telégrafo, na época de Bell, temos uma nova rede global para transmissão de informações: a internet. Desta inovadora rede de telecomunicação – agora digital - surgiu aplicações convergentes com o mundo da telefonia, caso dos telefones celulares para navegação na internet e envio de dados como e-mails, torpedos e imagens.

Em suma, esta tendência de "mobilização" da rede mundial de computadores tem pautado o mercado de telecomunicações desde o final da década de 90. Assim como os engenheiros do século XIX corriam atrás de uma interface "audível" do telégrafo, as corporações do ramo de telefonia e informática brigam por tornar simples e viável a interface "portátil" da internet.

É aí que entra Steve Jobs. Por mais que a promessa de portabilidade da internet seja propalada por grandes fabricantes de telefones celulares há anos, ninguém tinha conseguido mostrar para o mundo um modelo tão bem resolvido, com real vocação para navegar nesta

"teia móvel". Até que Jobs, principal executivo da Apple, surgiu com o iPhone.

Explico: ao contrário de outros celulares e smartphones disponíveis no mercado, o iPhone oferece uma solução simples, factível de internet móvel. Não depende de bugigangas ou protocolos de conexão que demandam um nível de conhecimento típico de usuários avançados. Com toques simples e com uma navegação intuitiva (herdada da internet), qualquer pessoa pode navegar na internet utilizando um comunicador móvel pessoal como o iPhone.

Pois o iPhone é justamente isso: um "comunicador móvel pessoal" e não um telefone. Enquanto a indústria produzia telefones sofisticados, ainda predominava nestes modelos a vocação para fala e audição. O iPhone agora tem vocação para ser utilizado, na maior parte do tempo, com os olhos e os dedos dos usuários.

Foi neste ponto que Jobs alcançou a simplicidade buscada pelo mercado. Apesar da partícula "phone" no nome do produto, o aparelho é um comunicador que combina com mais equilíbrio a importância da leitura, navegação e escrita para a comunicação em relação à fala.

As diversas aplicações multimídias, como vídeo, fotos e outros recursos disponíveis na "Web 2.0", rodam melhor em um comunicador móvel como o iPhone, que valoriza o toque e a visão, do que em um supercelular - que apesar de muitos recursos, não deixa de ser um telefone.

Tudo bem que o iPhone ainda é uma promessa. Seu sucesso (ou fracasso) no mercado será medido nos próximos meses, quando o dispositivo será comercializado nos Estados Unidos e enfrentará toda a expectativa criada em torno de seu lançamento.

Mas que Jobs mudou a cor do gramado, mudou. Os fabricantes já estão de orelha em pé com o novo paradigma imposto pela Apple e começam a rever projetos de smartphones e comunicadores pessoais, que devem entrar numa nova fase de desenvolvimento e difusão no mercado de telecomunicações. Uma nova etapa da tal internet móvel, inaugurada por Jobs.

E esta é a resposta para a pergunta que abriu o artigo. A principal semelhança entre Alexander Graham Bell e Steve Jobs é que ambos serviram como marco para um chaveamento há muito esperado pela indústria de telecomunicações. Seja Graham Bell que, no século XIX, conseguiu difundir o "telégrafo falante" ou, no já século XXI, quando Jobs iniciou uma nova etapa de comunicação digital móvel com o anúncio do iPhone.

Muito provavelmente, o lançamento do iPhone servirá como marco para uma fase portátil da web e, tal qual o telefone no final do século XIX, milhões de usuários rapidamente vão se tornar usuários deste tipo de serviço, com comunicadores baseados no modelo que Jobs lançou pioneiramente. Só falta alguém acertar o novo nome que este aparelho terá no futuro, pois assim como o "telégrafo wireless" foi batizado de "telefone", o "iPhone" certamente será conhecido por outra denominação.

Apenas nos resta concluir este artigo com a reflexão do jornalista inglês Tom Standage, que sugere as possibilidades infinitas da nova fase da internet portátil, protagonizada agora pelo iPhone, de Steve Jobs:

"A Internet está ainda no estágio telegráfico de desenvolvimento, no sentido que a complexidade e o preço dos PCs evitam que muitas pessoas os utilizem. O telefone celular assim promete fazer para a internet o que o telefone fez para o telégrafo: fazer deste uma tecnologia protagonista. (...) A internet móvel, em vez de ser baseada na mesma tecnologia da internet fixa, será diferente e será utilizada em novos e inesperados caminhos".

Fonte: Gazeta Mercantil, São Paulo, 9 mar. 2007. Fim de semana, P. 2